

ARGENTINA

Acordo com FMI ainda não saiu. E os bancos têm pressa.

— A Argentina está próxima da linha do gol, mas ainda não a ultrapassou. Essa frase é do secretário do Tesouro dos EUA, Donald Regan, que a usou ontem para descrever a situação das negociações entre o governo argentino e o FMI. Pouco antes, ele havia-se encontrado com o ministro da Economia argentino, Bernardo Grinspún, segundo quem o acordo para a concessão de um crédito de US\$ 1,4 bilhão ao seu país está praticamente concluído, embora subsistam algumas diferenças.

A Argentina vinha resistindo a algumas das medidas mais duras do programa de austeridade proposto pelo Fundo, argumentando que o país já fez o suficiente e que maiores ajustes poderiam prejudicar seu processo democrático. Segundo nosso correspondente em Buenos Aires, Hugo Martínez, o governo de Raúl Alfonsín está tentando obter do FMI a adoção da fase 2 do programa de ajuste — ou seja, um acordo semelhante ao obtido pelo México —, mas



sem o adicional da fase 1, já cumprida pelo México.

Os negociadores argentinos argumentam que o país está cumprindo esta primeira etapa há dois anos, mas o FMI tem opinião diferente. Os banqueiros privados, enquanto isso, pressionam afirmado que é praticamente impossível evitar que os créditos argentinos passem a non performing (impossibilitando que a dívida continue sendo rolada), pois Buenos Aires não teria US\$ 900 milhões em caixa para evitar isso.

A única esperança agora é o encontro entre Alfonsín e Ronald Reagan, marcado para o próximo mês de março em Camp David. Foi Lá que o presidente Lopez Portillo, do México, obteve um amplo acordo. O problema, entretanto, é saber como Alfonsín chegará até o dia 1º de março, uma vez que os maiores vencimentos da dívida argentina ocorrerão em 30 de setembro.

Os bancos privados argentinos, aliados em sua maioria ao credores, contribuem para a propagação do pânico. "Ainda que se obtenha um acordo de imediato, não há mais tempo para evitar o non performing, que ocorrerá inexoravelmente dentro de nove dias", dizia ontem o representante de uma instituição argentina.

Funcionários especializados, porém, desmentem essa versão. Se ocorrer um acordo com o Fundo, os credores reagirão com a maior velocidade: "em 24 horas os banqueiros encontrariam uma maneira de solucionar seus próprios problemas".

Entretanto, funcionários argentinos ouvidos em Washington disseram que a indecisão de Jacques de Larosière (diretor do FMI) em aprovar o acordo deve-se à sua necessidade de assegurar que os credores internacionais estariam dispostos a conceder novos créditos ao País.

Contudo, fontes ligadas a esses bancos afirmam que a relação entre o governo de Alfonsín e as instituições financeiras "está muito deteriorada" o que faz temer possíveis novas dificuldades para selar o acordo. Uma tentativa para melhorar a relação entre as duas partes está sendo feita pelo ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, que marcou para a próxima quarta-feira, em Nova York, um encontro entre cerca de 15 banqueiros, Alfonsín e Grinspún.

Alfonsín também deverá encontrar-se com o presidente Reagan depois de amanhã (domingo), mas, embora deva conversar sobre a dívida externa argentina, dificilmente conseguirá alguma ajuda de imediato.